

O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO DE UM ACERVO FERROVIÁRIO

Cinara Isolde Koch Lewinski¹

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

RESUMO: Este artigo tem como tema a musealidade e o processo de musealização de uma miniatura de locomotiva a vapor que se encontra no Museu do Trem de São Leopoldo. O estudo tem o objetivo de abordar a importância da pesquisa nos museus para dar conta da musealidade dos acervos e de analisar o processo de musealização como uma construção cultural, cujo procedimento formaliza a transformação dos objetos em bens culturais. As instituições criam as fichas catalográficas para registrar os acervos conforme as suas necessidades informacionais, mas muitas delas precisam de uma análise sobre o sistema de valores com os quais elas são construídas. Nesse processo, a falta de relação dos objetos de museus com os seus contextos pode levá-los a tornarem-se fetiches. Partindo dessas considerações, será apresentado um estudo de caso embasado em vários teóricos, entre eles Maroivic (1997) e Brulon (2016), utilizando como método revisões bibliográficas e análise documental para evidenciar que os significados dos objetos materiais podem ser criados e recriados a partir da construção de discursos sobre acontecimentos e grandes personagens.

Palavras- chave: Musealidade. Musealização. Acervos. Museus. Pesquisa.

THE MUSEALIZATION PROCESS OF A RAILWAY COLLECTION

Abstract: *This article has as its theme the museality and the musealization process of a miniature steam locomotive that is in the Train Museum of São Leopoldo. The study aims to address the importance of research in museums to account for the museality of collections and to analyze the musealization process as a cultural construction, whose procedure formalized the transformation of objects into cultural goods. Institutions created as catalog cards to register collections according to their informational needs, but many of them need an analysis of the value system with which they are built. In this process, the lack of relationship between museum objects and their contexts can lead them to become fetishes. Based on these considerations, a case study based on several theorists will be presented, including Maroivic (1997) and Brulon (2016), using bibliographic reviews and document analysis as a method to show that the meanings of material objects can be created and recreated from the construction of speeches about events and great characters.*

Keywords: *Museality. Museum. Collections. Museums. Search.*

¹ Graduanda no bacharelado em museologia da UFRGS. Graduada e mestre em História pela Unisinos. Historiógrafa do Museu do Trem de São Leopoldo. Endereço: Rua das Adálias, 68, Encosta do Sol, Estância Velha/RS. Telefone (51) 99988-9791, cinarakoch@gmail.com.

O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO DE UM ACERVO FERROVIÁRIO

Introdução

O processo de musealização e a musealidade são temas constantemente abordados em artigos científicos ligados ao Patrimônio, à Museologia e à Ciência da Informação. Apesar dos conceitos encontrarem-se em fase inicial de pesquisa e elaboração teórica (ALVES; SCHEINER, 2012), vários autores já se debruçaram sobre o assunto, como Maroevic (1997), Scheiner (2012), Brulon (2016). Em geral, esses teóricos corroboram com a ideia de que a musealidade é o valor extrínseco de um objeto e que dá o pretexto de sua musealização em uma instituição. Entretanto, é prudente pensar o processo museológico como algo complexo, pois trata-se da ressignificação de um bem cultural, isto é, tornar visível o invisível para permitir a sua existência em um contexto museológico. Nessa transformação, os objetos deixam de ser coisas para assumir um valor de documento (HORTA, 2014). Então, os materiais perdem a sua função primária e/ou secundária, mas migram para “[...] o campo ideológico que os consagra como relíquias, raridades ou curiosidades, destinados a fazer lembrar acontecimentos, para o âmbito cognitivo, tornando-se suportes de informação, a partir das quais é possível construir conhecimento” (JULIÃO, 2006, p. 100). Logo, vários pontos dão complexidade ao processo museológico, como os “[...] critérios que orientam no reconhecimento de determinados vestígios, de determinados resíduos, de dados concretos ou de registros de fatos menos materiais, que simplesmente vamos pôr em evidência” (RÚSSIO, 1984, p. 61).

Com o intuito de abordar o tema musealidade e o processo de musealização analisou-se a biografia de uma miniatura de locomotiva a vapor no Museu do Trem de São Leopoldo, tendo como referência as três matrizes dimensionais para a abordagem dos objetos museológicos sugeridas por Peter Van Mensch². Investigou-se o contexto de produção e função da miniatura de locomotiva a vapor no decorrer de sua trajetória até os dias atuais, sendo que evidenciou-se na pesquisa os valores atribuídos ao acervo no contexto museológico. Assim sendo, “o objeto museológico, enquanto representação da memória adquire um valor simbólico dentro do âmbito a que denominamos patrimônio cultural” (YASSUDA, 2009, p. 68) “[...] cuja atribuição depende em parte da própria posição dos agentes concedentes desse predicado na sociedade, da sua época e da sua organização mental [...]” (LEWINSKI, 2017, p. 97) e, portanto, o processo de musealização não é neutro.

Partindo destas considerações, o estudo de caso sobre a trajetória da miniatura de locomotiva a vapor se propõe a abordar a importância da pesquisa nos museus para dar conta do processo de musealização como uma construção cultural. Nesse sentido, Brulon sugere (2016, p. 109) a “[...]”

² Neste artigo não se apresentará a ficha catalográfica com a análise das três matrizes dimensionais da miniatura de locomotiva a vapor, sendo que foram apresentadas algumas informações do documento produzido que tem relevância para este estudo.

compreensão da musealização e dos enquadramentos classificatórios que ela abarca, como um processo social e culturalmente determinado”. Ainda, Rússio (1984, p. 88) destaca que a musealização denota a preservação de um bem cultural para perpetuá-lo para as gerações futuras, os significados a ele associados e, portanto, a “[...] memória, preservação, musealização são atos políticos e temas de assumilos como tal [...]”. Enfim, é imprescindível a abordagem do assunto proposto, pois, conforme Brulon (2016), deve-se ponderar o caráter sociocultural das categorias edificadas nos processos de musealização como também a compreensão como enunciados performativos, o que permitiria a apreensão da sua potência simbólica.

Como a miniatura de locomotiva a vapor chegou ao museu?

Para entender o que determinou a musealização da miniatura de locomotiva a vapor é necessário perceber a motivação dos agentes responsáveis que o elegeram para ser musealizado. Desse modo, é imprescindível retomar brevemente as ações patrimoniais que pensaram efetivamente em proteger os bens ferroviários no Brasil. O processo iniciou no período em que a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) foi incluída no Programa Nacional de Desestatização. Em seguida, todo o patrimônio ferroviário não operacional composto desde os meados do séc. XIX em nosso país passou a ser responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, assim, destacou-se no Patrimônio Cultural Brasileiro devido à sua importância socioeconômica para a sociedade.

No decorrer desse processo, vários museus ferroviários foram criados no Brasil durante a implementação dos projetos do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico do Ministério dos Transportes (Preserve/fe³), entre a década de 1980 e início dos anos 1990, ou seja, antes do IPHAN tomar para si a responsabilidade pela salvaguarda do acervo desse modal. Então, o governo federal conduziu a patrimonialização do acervo ferroviário por intermédio do Preserve/fe. Esse programa, dentre suas várias atribuições, lançou os critérios de seleção dos objetos que mereceriam ser salvaguardados e também foi encarregado de inventariar os acervos ferroviários, que outrora eram bens ativos operacionais. Sendo assim, os centros de preservação estabelecidos pelo programa federal que, além de conservar o patrimônio tangível também conceberam valores e sentidos, deixando marcas profundas na concepção dos acervos ferroviários (LEWINSKI, 2017).

Com o intuito de divulgar a história e promover uma cultura da preservação ferroviária, o Preserve/fe definiu os critérios de seleção dos objetos e símbolos do passado que deveriam ser conservados, edificando um discurso divulgado nos centros e núcleos de preservação do Brasil e, deste

³ Como Matos (2015), utilizei a mesma estratégia usando o termo Preserve/fe ao programa, pois o Preserve foi criado em 1980, pelo Ministério dos Transportes, mas a partir de 1986, deixou de ser ministerial e passou a ser chamado Preserfe, atuando somente na preservação do patrimônio ferroviário, através da RFFSA.

modo, difundiu uma memória oficializada. Assim, as estações ferroviárias foram escolhidas pela importância atribuída pela comunidade local, pois cidades se desenvolveram e outras surgiram em torno delas; então atribuíram-nas de um grande valor histórico e ganharam o status de símbolos do desenvolvimento urbano. Apesar disso, não foram todas as estações que foram preservadas e, conseqüentemente, apenas algumas edificações de valor histórico e arquitetônico que eram contemplados pelos critérios do *Preserve/fe* foram preservadas pelo governo federal. No conjunto das estações salvaguardadas estava a antiga estação ferroviária de São Leopoldo, onde já existia o Museu do Trem, desde 1976 (LEWINSKI, 2017).

Entretanto, não era suficiente preservar a estação ferroviária de São Leopoldo para divulgar uma memória oficializada da estrada de ferro. Era necessário estabelecer um museu onde pudesse ser centralizada uma parte dos vestígios do passado da ferrovia do Estado para torná-lo Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul e, por isso, em 1985, o Museu do Trem passou a abrigá-lo e assim, tornou-se referência na temática ferroviária. Nesse momento, o Museu do Trem ampliou o seu acervo através da seleção dos bens não operacionais da RFFSA, procedentes, sobretudo, de escritórios e outros recintos da ferrovia em Porto Alegre, e das estações do interior que estavam sendo desativadas na época. Então, o acervo escolhido foi transferido e usado para a composição da reserva técnica e da exposição de longa duração, estabelecidos com base nas técnicas e narrativas utilizadas no campo da Museologia, coordenada pela secretária executiva do *Preserve/fe* Maria Elisa Carrazzoni. Deste modo, o Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul adotou as mesmas normas já inseridas em outros centros de preservação instituídos anteriormente no país para documentar o acervo que recebeu na década de oitenta (LEWINSKI, 2017).

A partir da documentação percebe-se que o governo federal almejava rememorar “[...] a evolução e tecnologia dos transportes no Brasil” (RFFSA, 1979, f. 1) em todos os centros de preservação da história ferroviária criados por ele. Então, RFFSA através dos agentes do *Preserve/fe* tomou para si a competência de eleger datas e fatos, construindo uma memória a partir da hierarquia de objetos, eventos e personagens do passado, demonstrando que a preservação ocorre a partir de relações de poder. Dentre os objetos musealizados pelos agentes do *Preserve/fe* no Museu do Trem de São Leopoldo – Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul – está a miniatura de locomotiva a vapor. Assim, como todos os acervos, objeto do estudo de caso teve os seus sentidos atribuídos pelas pessoas que trabalharam no museu. Como toda a inserção no contexto museológico e construção simbólica e memorial de um objeto tem a sua subjetividade, conseqüentemente não há neutralidade no processo de musealização. Para ser um objeto musealizado, a miniatura de locomotiva a vapor foi desfuncionalizada, o que significa que ela deixou de servir ao que era destinada antes e passou a entrar na ordem do

simbólico que lhe conferiu uma nova significação e atribuiu um novo valor – que é, primeiramente, puramente museal (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Conforme Horta (2014, p.47) a “[...] transformação das coisas em objetos, em documentos, em conceitos que enriquecem o universo dos sujeitos e da cultura, e o conhecimento desse processo, é [...] aquilo de que tratam os museus, sua função primordial e sua causa primeira”. As instituições museológicas, por excelência, são os espaços onde ocorrem a investigação e a musealização dos objetos, que inicia quando os objetos e coisas são afastados do seu contexto original para representar uma dada realidade. De acordo com Cury (2005), esse processo complexo só é possível quando envolve a sociedade e há harmonia em relação às ações museológicas que ocorrem em várias etapas: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. Logo, a musealização é a seleção de objetos que irão integrar o acervo com o intuito de preservá-los e inseri-los em um contexto museológico (ALVES; SCHEINER, 2012). “Esta valorização poderá ocorrer com a transferência do objeto de seu contexto para o contexto dos museus ou, ainda, a sua valorização ‘*in situ*’, como ocorre nos ecomuseus” (CURY, 1999, p. 52 apud ALVES; SCHEINER, 2012, p. 107). Então, o processo de musealização é produto da musealidade, apresentando-se como a substituição complexa de uma realidade na qual os objetos são escolhidos e, de acordo com Brulon (2016, p.112), o que as instituições museológicas fazem é “[...] uma mudança no sistema de valores no qual elas são construídas”.

O objeto de museu - que não significa meramente o objeto em museu- como objeto musealizado, passa a adquirir um estatuto museológico. Tal conversão, do contexto ordinário da coisa ao universo simbólico do museu, implica um processo corolário de ressignificação para que o primeiro, detentor de sentidos em seu contexto precedente não-museal, adquira sentido no novo ambiente (BRULON, 2016, p. 108).

Assim, o objeto deixa de fazer parte de um contexto e passa a ser inserido em um museu, onde ocorrem mudanças “[...] para além de sua função que deixa de ser utilitária e passa a ser interpretativa, os seus modos de se relacionar com os outros objetos e com os seres humanos que lhe dão sentido” (BRULON, 2016, p. 108). Ainda, nos processos de musealização, é necessário perceber “[...] ‘a informação cultural não como ligada à classe de informação científica’, mas entendendo-a como demasiadamente variável; ela aparece e desaparece, de acordo com o sistema de valores ao qual está vinculada” (MAROEVIC, 1997, p. 121).

O objeto de museu, assim, é uma “permuta de significados” e o trabalho sobre as coleções em um museu só tem sentido se colocado em relação com o campo de pesquisa, onde o objeto constitui o “pré-texto” (Jamin, 1984, p. 48). Ele é, de fato, a base do que irá se escrever como discurso, e a sua contextualização depende, em primeiro lugar, da descontextualização dos múltiplos conceitos produzidos sobre ele (BRULON, 2016, p. 111).

Segundo Brulon (2016), para perceber a permuta de significados sobre o objeto musealizado, é necessário entender como se dão os processos de produção de sentido e de valores na musealização e, para isso, propõe compreender enquadramentos classificatórios que ela envolve como um processo social e culturalmente determinado. Na prática, o objeto só é considerado musealizado quando se insere em um sistema classificatório específico e, para isso, os museus produzem a documentação museológica do acervo e, dentre elas, estão as fichas catalográficas que geralmente são criadas de acordo com as suas necessidades informacionais e seu perfil. Conseqüentemente, como os outros objetos musealizados, a miniatura de locomotiva a vapor passou por um processo de musealização, o qual pode-se verificar na documentação museológica existente no Museu do Trem de São Leopoldo.

Ao pesquisar a documentação emitida pelos agentes do Preserve/fe, constatou-se que a documentação museológica era a primeira responsabilidade que os centros de preservação precisariam cumprir, pois “[...] constitui um meio de acesso informacional aos bens culturais, que subsidia a gestão do acervo e o desenvolvimento de diferentes atividades do museu, nas áreas de pesquisa, educação e difusão” (JULIÃO, 2006, p. 97). Sendo assim, a miniatura de locomotiva a vapor após ser selecionada e transferida para o Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul, teve uma documentação museológica vinculada a ela com o objetivo de reter as informações obtidas na forma de inventário e de ficha de catalogação e, assim, criar um instrumento de pesquisa. A documentação desse objeto e de outros acervos ferroviários adotou as diretrizes dos Centros de Preservação da História Ferroviária elaboradas pela coordenadora Carrazzoni, onde estão incluídas as normas museológicas e a metodologia implantada pelo Preserve/fe, das quais todos os centros precisariam seguir para organizar os arquivos e fichas de maneira padronizada (LEWINSKI, 2017). Seguindo as normas do Preserve/fe, o acervo ferroviário considerado de valor histórico foi transferido para o Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul, registrado no Livro Tombo e na ficha catalográfica. Esses documentos possuem algumas informações sobre o acervo selecionado, conforme os critérios estabelecidos pelos agentes do Preserve/fe para reconhecer seu valor de documento.

Quando nós musealizamos objetos, ou seja, quando recolhemos objetos como testemunhos, nós os musealizamos porque eles são testemunhos, são documentos e têm fidelidade. São critérios que nos orientam, portanto, no reconhecimento de determinados vestígios, de determinados resíduos, de dados concretos ou de registros de fatos menos materiais, que simplesmente vamos pôr em evidência (RÚSSIO, 1984, p. 61).

Então, os vestígios selecionados para serem preservados são aqueles que põem em destaque aquilo que os sujeitos do processo de musealização pretendem perpetuar e, por isso, o estatuto de objeto musealizado é uma atribuição que de certa maneira está sujeita a posição dos próprios agentes concedentes dessa distinção na sociedade. Conforme Horta (2014, p. 48) “é a mente e a percepção do

observador, o sujeito, que vai investir o objeto com significados. Em qualquer objeto, tangível ou intangível, há todo um universo de informação. A percepção desses dados vai variar no tempo e de indivíduo para indivíduo.” Além disso, pode haver transformação da percepção dos dados, ocorrendo uma mudança de perspectivas, como está acontecendo nos museus do presente. De acordo com Brulon (2016, p. 114), “ainda que as categorias classificatórias não tenham se tornado obsoletas, seu uso passa a ser relativizado de acordo com as culturas de onde o objeto provém, a intenção dos seus produtores ou os interesses daqueles que lhe atribuíram valor”.

Então, ao relativizar o processo de musealização da miniatura de locomotiva a vapor percebe-se que a maneira como eram documentados os acervos ferroviários no Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul não se diferenciava da prática adotada na década de 1980 na maior parte dos museus “[...] tradicionalmente centradas nas propriedades físicas dos objetos, [...]”. (FERREZ, 1991, p. 09). Por conseguinte, os agentes do Preserve/fe priorizando as informações intrínsecas do objeto deixaram muitas lacunas com relação às informações referentes aos seus contextos. (LEWINSKI, 2017). Sendo assim, informações importantes sobre os acervos ferroviários não foram registrados e conforme Ferrez (1991), a apropriação das informações extrínsecas é tão ou mais essencial que as intrínsecas, pois é uma reconstrução da história do objeto e, logo, é a razão pela qual se encontra na instituição. Isso denota que se a documentação é descuidada nessas informações, “[...] os museus, sobretudo os de caráter histórico, correm o risco de ser repositórios de objetos sem passado, que só poderão ser analisados e interpretados por suas propriedades físicas, limitando o trabalho da Museologia / Museografia de comunicar” (FERREZ, 1991, p. 06). Pode-se verificar pelo estudo de caso, ao observar a ficha catalográfica, o método de preenchimento que predominava na documentação dos acervos do Museu do Trem e porque não dizer de muitas instituições museológicas da década de 1980.

Imagem 1 – Ficha catalográfica da miniatura de locomotiva a vapor

REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A. Superintendência Regional Porto Alegre		CLASSIFICAÇÃO DE PEÇAS DO MUSEU	
Peça: <u>LOCOMOTIVA</u>	Nº de Registro: <u>28.984.M11</u>		
Origem da Fabricação: <u>SANTA MARIA (RS) - BRASIL</u>	Ano: _____		
Fabricante: <u>JOÃO HORVATH FILHO</u>	_____		
Marca: <u>VIAÇÃO FERREIRA RIO GRANDE DO SUL - 1935 (nas laterais da cabine e tender)</u>	_____		
Material: <u>madeira, ferro, vidro, cobre</u>	_____		
Dimensões: <u>comp. 107cm; alt. 28cm</u>	_____		
Descrição: <u>Locomotiva com caldeira, tender e cabine na cor verde; manômetro de pressão na parte externa.</u>			

Estado de Conservação: <u>excelente</u>			

Gráfica BR6 - 500 Fichas - 03/88			

Fonte: Documentação museológica do Museu do Trem de São Leopoldo/RS

Logo, percebe-se que existe na ficha catalográfica descrições físicas com poucas informações extrínsecas da miniatura de locomotiva a vapor, sendo que o mesmo ocorreu com a documentação dos outros objetos musealizados. A falta da contextualização dos objetos gera dificuldades em evidenciar as suas dimensões espacial e social, o que pode levar ao fenômeno chamado ‘fetichismo’. Conforme Horta (2014, p. 46) o ‘fenômeno do ‘fetichismo’ torna-se inevitável quando “[...] os objetos tomam o lugar dos sujeitos, nas gramáticas museológicas. O ‘sujeito’ humano é assim ‘submetido’ [...] ao ‘objeto’, ou melhor, à ‘Coisa’, que é, desse modo, a origem, a razão e o objetivo final das atividades do museu”.

O impacto da falta de informações extrínsecas sobre a miniatura de locomotiva a vapor ficou demonstrado na hora de comunicar, especialmente na exposição, onde o objeto foi apresentado como uma representação da história da locomotiva e de tal modo, toda a historicidade do acervo deixou de ser evidenciada. A miniatura de locomotiva a vapor serviu como mera ilustração em várias exposições itinerantes onde o Museu do Trem de São Leopoldo – Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul participou e dessa maneira, os agentes do PreserVe/fe preferiram “[...] suportes aos quais já se está habituado, como os suportes verbais, não só para formular os conceitos, mas também para comunicá-los: nesta linha, de fato esvazia-se a utilidade de um museu com acervo” (MENESES, 1994, p. 28). Então, o PreserVe/fe ao utilizar-se dos objetos como fetiches manifestou com nitidez a tendência de consolidação da imagem nostálgica do passado, com a adoção de um discurso construído e direcionado a glorificar os atos do Estado através da ferrovia.

Fotografia 1 – Miniatura de locomotiva a vapor



Foto: Cinara I. K. Lewinski

Deste modo, foi preciso desconstruir uma produção de discursos organizada em torno do enquadramento da miniatura de locomotiva a vapor, e então buscou-se através da pesquisa a musealidade do objeto que deu sentido a sua musealização e que torna importante as experiências humanas a partir das suas diversas possibilidades interpretativas. Então, buscando inspiração na proposta

de Horta (2014, p. 49) que sugere como missão dos museus e das instituições culturais e patrimoniais o processo de ‘restauração’ das informações sobre os acervos “[...] para que voltem a fazer sentido para a sociedade, como unidades semânticas de um discurso e uma fala culturais, [...], de modo a que recuperem suas funções primárias, secundárias, simbólicas e significativas, muitas vezes ‘re-funcionalizadas’” que surgiu a pesquisa sobre a musealidade da miniatura de locomotiva a vapor.

A musealidade da miniatura de locomotiva a vapor

Antes de adentrar sobre a pesquisa do objeto de estudo, é necessário entender o se entende por musealidade. O termo musealidade originou-se nos anos 1970 – 1980, designado por Stránský para o qual denominou “[...] o valor específico do objeto, sua qualidade a partir do momento em que se transforma em musealia, ou seja, em que é extraído de seu contexto de origem para se transformar em objeto de museu” (ALVES; SCHEINER, 2012, p. 105). Mais tarde, Maroevic (1997, trad. Scheiner, 2006) se debruça sobre o assunto e aborda a importância do valor não material ou o significado de um objeto que dá o pretexto para a sua musealização, incluindo uma nova conceituação:

A noção de ‘musealidade’ abrange a maior parte das qualidades imateriais dos objetos ou dos conjuntos do patrimônio cultural, ou mesmo dos objetos de museu, no sentido mais estrito. A musealidade representa a propriedade que tem um objeto material de documentar uma realidade, através de outra realidade: no presente, é documento do passado, no museu é documento do mundo real, no interior de um espaço é documento de outras relações espaciais. A musealidade é, assim, o valor imaterial ou a significação do objeto, que nos oferece a causa ou razão de sua musealização (MAROEVIC, 1997, p. 01)

Portanto, a musealidade permite que objetos de um determinado tempo e lugar possam documentar diferentes sociedades e ainda ser o motivo de sua preservação para comunicar seus significados a outras pessoas, gerações ou sociedades. Deste modo, os objetos considerados como uma importante fonte de conhecimento, possuindo informações científicas, passam pelo processo de musealização.

O conceito de musealidade permite-nos reconhecer e identificar dois tipos essenciais de informação científica (seletiva) e cultural (estrutural). A informação cultural [...]. É variável. Aparece e desaparece, de acordo com o sistema de valores ao qual está vinculada (valores éticos, estéticos, políticos, etc.) É, com efeito, a base do que podemos chamar de memória. A memória que está contida no conceito de patrimônio cultural é um sistema de associações em um contexto dado (físico e da sociedade)” (MAROEVIC, 1997, p. 02).

Conforme Alves; Scheiner (2012, p. 107), o sistema de associações entre um contexto dado (físico e da sociedade) é a consequência da memória, a qual com frequência cria um sentimento de

identificação com o patrimônio, contudo “[...] a musealidade que define sua significação, bem como entre o contexto museológico e a memória que une passado e presente e cria círculos de distintos tipos de memória coletiva”. Sendo assim, a musealidade é um valor conferido pelo homem a partir da percepção das diferentes sociedades, de acordo com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas. Logo, a musealidade ajuda a preservação da memória, pois normalmente ela está ligada a um contexto primário ou original que geralmente se perde (MAROEVIC, 1997, p. 07).

Seu contexto vivente preserva-se apenas na documentação e na abordagem conceitual daqueles que são capazes de imaginar este conceito. Seu contexto museal é completamente artificial. Adaptou-se a fim de prover ao original certas novas conotações, que são fruto de diversas abordagens especulativas, onde tudo é possível se existe um quadro capaz de completar o conceito (MAROEVIC, 1997, p. 02-03).

Ou seja, a percepção e o conceito de musealidade estão em constante transformação, no tempo e no espaço, de acordo com os sistemas de pensamento das diferentes sociedades, em seu processo evolutivo (ALVES; SCHEINER, 2012) e do mesmo modo, a significação do objeto musealizado vai se modificando, devido ao acréscimo de informações a seu respeito e à continuidade de sua trajetória em um contexto museológico. Sob esta perspectiva, a miniatura de locomotiva também teve o seu sentido ressignificado, a partir de pesquisas sobre a sua musealidade. Conforme já mencionado, havia poucas informações extrínsecas e por isso, fez-se uma busca investigação sobre o contexto de produção e função da miniatura de locomotiva a vapor para inseri-la dentro de um contexto.

Fotografia 2 - Miniatura de locomotiva a vapor no Trem da Cultura-1985



Fonte: Acervo Histórico do Museu do Trem de São Leopoldo

O objeto foi idealizado pelo ferroviário João Horvath Filho, em Santa Maria/RS, que construiu a miniatura de locomotiva a vapor com sucatas e tinha como objetivo participar no concurso para expor na exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935. Em setembro de 1935, uma grandiosa celebração pelo centenário da Revolta Farroupilha aconteceu em Porto Alegre, no Parque da Redenção, que envolveu todo o país e diversas delegações internacionais, lançando o evento a um patamar mundial e mostrando a cultura de nossos estados. A Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) foi uma das entidades que participou da Exposição. Com um pavilhão de 1500 m², construído pela empresa Dahne Conceição & Cia, expôs suas locomotivas, carros, motores, meios de comunicação, produtos transportados, entre outros (UFRGS, 1999). Para este evento, a VFRGS promoveu um concurso, no qual o ferroviário João Horvath Filho participou e obteve o 1º lugar por ter construído a miniatura de locomotiva a vapor com sucatas. Assim, a miniatura de locomotiva a vapor, vencedora do concurso, foi exposta no Parque da Redenção para representar a história da ferrovia no Rio Grande do Sul que por mais de um século serviu a sociedade transportando pessoas e cargas.

Após esse evento, a VFRGS (mais tarde foi incorporada à RFFSA) se tornou detentora do objeto. Em 1984, a RFFSA entregou o objeto ao Museu do Trem, que recebeu por transferência e incorporou a miniatura de locomotiva a vapor ao acervo tridimensional com a numeração 28.984MI2. Atualmente, este objeto exposto no Museu do Trem é um bem cultural, pois deixou de ser somente um objeto que representa uma locomotiva a vapor e passou a assumir um valor como informação social, isto é, de documento. Ou seja, passou a ser uma fonte de pesquisa sobre a participação da VFRGS na exposição em homenagem ao Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935. Assim, esse objeto também pode ser fonte de análise a respeito de como os grupos sociais da década de 1930 que organizaram a exposição concebem a 'Revolução Farroupilha' e, portanto, é possível entender como os agentes sociais na época ordenam simbolicamente e lançam no tempo as imagens e representações que fazem de si e do mundo (JULIÃO, 2006). Então, a miniatura de locomotiva a vapor tanto na exposição em homenagem ao Centenário Farroupilha como acervo musealizado “[...] exerce uma função social e simbólica de intermédio entre o passado, o presente e o futuro da nossa sociedade, garantindo a sua continuidade no tempo e sua integridade no espaço” (GONÇALVES, 2007). Atualmente se encontra no Museu do Trem de São Leopoldo, onde é ressignificada constantemente com um significado cultural, social e político, produzindo narrativas que transcendem aquele uso inicial de simplesmente ser uma réplica em miniatura de locomotiva a vapor.

Enfim, o estudo de caso apresentado demonstra que os significados dos objetos materiais são criados e recriados na esfera das relações de poder, ainda que se encontrem em um contexto museológico. Por isso, é imprescindível tornar o objeto acessível às diversas interpretações do público. De acordo com Brulon (2016, p. 114) “na prática, ao invés de se tornar obsoleta, a documentação

museológica ganha ênfase, cabendo a ela o papel de documentação histórica e sociológica, registrando todos os estados do objeto e as relações estabelecidas em sua biografia”. Nesse sentido, a miniatura de locomotiva a vapor teve seu estudo expandido, passando do que há de intrínseco ao que há de devir nas múltiplas interpretações que podem ser difundidas sobre ela.

Considerações finais

Primeiramente, o artigo buscou desnaturalizar o processo de musealização, colocando em pauta as ações museológicas como atos políticos que se iniciam na seleção dos objetos considerados dignos de serem preservados, alguns dos quais entram em um contexto museológico. Nos museus, os vestígios são musealizados e para isso, são submetidos a diferentes enquadramentos classificatórios e informacionais que, por vezes, cristalizam os seus significados. Neste trabalho foi apresentado o estudo de caso de uma miniatura de locomotiva a vapor que foi selecionada para compor um discurso construído pelos agentes do Preserve/fe e exemplifica como um enquadramento de informações através de categorias registradas em uma ficha catalográfica, que visava atender as necessidades do perfil do Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul – Museu do Trem de São Leopoldo, pode comprometer a historicidade de um objeto musealizado.

Com o objetivo de construir um discurso glorificando os atos perpetrados pelo governo federal durante o período em que a ferrovia era uma empresa estatal, os agentes do Preserve/fe que administraram a instituição museológica na década de 1980 produziram os valores que buscavam fixar através dos vestígios materiais uma memória oficializada. Além de desconstruir a pretensa ideia de neutralidade na musealização dos objetos, também questionou-se o culto à documentalidade, que por muito tempo dominou as ações nos museus. Ainda, o trabalho traz reflexões sobre a mudança de perfil dos museus na atualidade que privilegiam o valor das experiências humanas, a partir das diversas possibilidades interpretativas sobre os objetos, dando a musealidade um caráter processual, onde as significações dos objetos estão sendo constantemente recriadas.

Enfim, evidenciou-se a importância da pesquisa nos museus para dar conta da musealidade dos acervos ao verificar no estudo de caso o pouco envolvimento do Preserve/fe na investigação sobre a musealidade da miniatura de locomotiva a vapor e constatar claramente o fenômeno do fetichismo ao torná-la uma mera ilustração. Ao buscar preencher as lacunas sobre a musealidade do objeto de estudo, ele entrou em um novo quadro de valores, pois adquiriu uma mais-valia simbólica ao ser contextualizado. Ainda, na miniatura de locomotiva a vapor identificou-se uma fonte inesgotável de proposições e, como esse acervo ferroviário, existem outros que tem necessidade de um olhar investigativo que reconstrua todas as informações e significados que possuem e que levem a assumir um valor como informação social, isto é, de documento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vânia Maria Siqueira; SCHEINER, Tereza. Museu, Musealidade e Musealização: termos em construção e expansão. **Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012**. Petrópolis, Nov/2012. p. 99-111.
- BRULON, Bruno. Re-interpretando os objetos do museu: da classificação ao devir. In: **Transformação**, Campinas, 28(1), p.107-114, jan./abr. 2016.
- CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de museologia**. Trad. Bruno Brulon Soares e Marília Xavier. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. **Thesaurus para acervos museológicos**. 1º vol. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1991, p. XV-XXXVIII.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira. O “link” (ou a relação) das coisas com os objetos, com os documentos, com o museu e o que isso tudo quer dizer... In: **Museion**, Rio Grande do Sul: UnilaSalle Editora, 2014. p.43-52.
- JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. In: **CADERNO de diretrizes museológicas 1**. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2º Edição.
- LEWINSKI, Cinara Isolda Koch. **Um lugar de memória da estrada de ferro: o centro de preservação da história ferroviária do Rio Grande do Sul – 1980-1990**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2018.311 f.
- MAROEVIC, Ivo. Tradução de Tereza Scheiner. **O papel da musealidade na preservação da memória**. Congresso anual do ICOFOM, 1997
- MATOS, Lucina Ferreira. **Memória ferroviária: da mobilização social à política pública de patrimônio**. 2015. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) -- Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v.2 p.9-42 jan./dez. 1994.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- REDE FERROVIÁRIA FEDERAL (RFFSA) (Brasil). **Programa de Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico do Ministério dos Transportes – PRESERVE**. [Documento administrativo]. Brasília, 1979.
- RÚSSIO, Waldisa. Cultura, patrimônio e preservação. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 59-78.
- UFRGS. **Arquitetura Comemorativa Exposição do Centenário Farroupilha 1935**. Projeto UNIARQ/ Programa Unicultura da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. Porto Alegre;1999.
- YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. 123f. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação) -- Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009. Documento em PDF.